

ARTE NO FEMININO

10 anos 10 artistas

ana bonifácio
ana lima-netto
ana margarida matos
ângela ferreira
isabel sabino

mariana castro
marta soares
paula rego
vanessa barragão
virgínia fróis

Celebramos os 10 anos da Fusão! Celebramos a Mulher!

A presença das mulheres nas artes plásticas tem uma história longa, rica, diversificada e de crescente afirmação societal, embora muitas vezes tenham enfrentado desafios e discriminações diversas ao longo do tempo.

A exposição "*Arte no Feminino: 10 Anos, 10 Artistas*" é uma das muitas iniciativas que integram o programa de comemorações dos 10 anos da fusão das antigas Universidade de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa na nova Universidade de Lisboa (ULisboa).

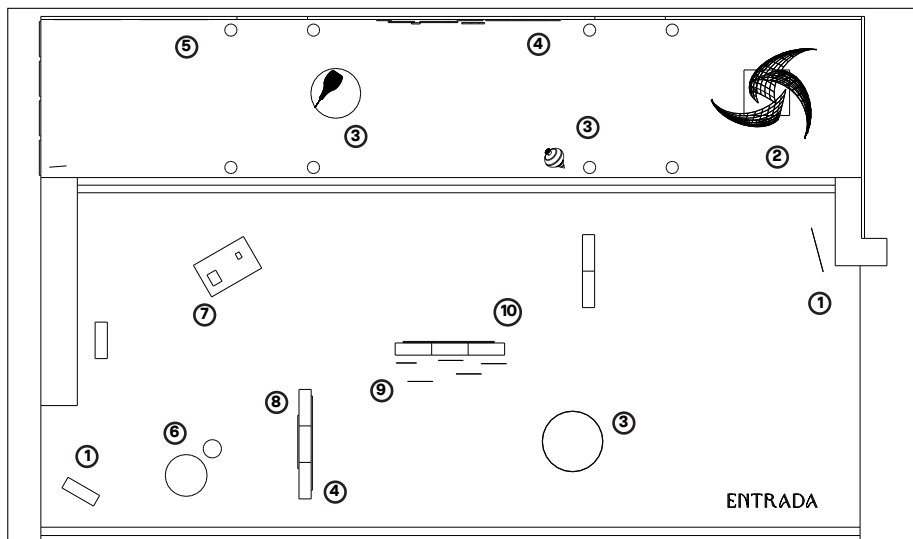
O principal pretexto para realização de uma exposição mobilizadora de artistas femininas surgiu, naturalmente, associado à celebração do *Dia Internacional das Mulheres*, dia 8 de março, instituído em 1975, pelas Nações Unidas, para evocar e celebrar os direitos e conquistas da Mulher e o seu papel ativo e fundamental na História e na Sociedade.

Tendo em vista a seleção das 10 artistas, assumiram-se diversos pressupostos:

- Terem, em algum momento da sua vida, ligação com a ULisboa ou universidades precedentes (estudantes, professoras/investigadoras ou técnicas), e se possível com alguma diversidade de unidades orgânicas, para assim fazer jus à ideia da Fusão;
- Cobrirem diferentes manifestações das artes plásticas;
- Coexistirem artistas mais experientes e consagradas com artistas mais jovens e emergentes.

José Manuel Simões

*Comissário para as Comemorações dos (723+) 10 Anos da ULisboa
e Curador da Exposição*



① ANA BONIFÁCIO

Isto não cai do céu, 2022
Elas, a caminho, 2024

② ANA LIMA-NETTO

"Ce qui est a déjà été, ce qui sera a déjà existé", 2020

③ VIRGÍNIA FRÓIS

Da série *O poço é o espelho do céu*

Anel, 2024
Abrigo, 2023
Pião, 2023

④ ISABEL SABINO

Giuliana: lo non riesco a guardare a lungo il mare, 2018
A menina (não) fica em casa, 2016

⑤ MARTA SOARES

Da série *Pinturas Arrancadas à Noite*

Sem título III, 2018
Sem título I, 2020

⑥ VANESSA BARRAGÃO

Essência, 2024

⑦ ÂNGELA FERREIRA

Rádio Fanon, 2022

⑧ ANA MARGARIDA MATOS

Toranja, 2024

⑨ MARIANA CASTRO

Ne Touche Pas, 2023

⑩ PAULA REGO

Getting Ready for the Ball, 2001-2002

① ana bonifácio

Leiria, 1975

Ana Bonifácio nasceu em Leiria, cresceu na Marinha Grande, vive e trabalha em Lisboa. É arquiteta pela Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa (1999) e desenvolveu os estudos avançados em 'Espaço Público e Regeneração Urbana: Arte e Sociedade' pela Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona (2006).

Como reflexões primordiais da prática artística – e partindo de referências do contexto do lugar e da arquitetura – colocam-se a relação de proximidade e intimidade com o espetador e, ainda, temáticas mais ou menos evidentes sobre a apropriação individual e coletiva do espaço público como lugar de inclusão e pluralidade.

Nos últimos anos, as artes visuais saíram de um certo "lugar marginal" (que, contudo, sempre existiu) e ganharam espaço e corpo no contexto quotidiano. Hoje, são parte indivisível de um "estado artístico-científico" feito de escolhas bicéfalas, nem sempre cristalinas, nem sempre autónomas, muitas vezes híbridas e de fluxo simultâneo.

A atividade profissional como arquiteta urbanista, iniciada em 1999, tem-se amplificado e desdobrado na participação transdisciplinar inerente ao desenvolvimento de políticas públicas, ao planeamento e ordenamento do território e à elaboração de projetos de regeneração urbana ou de arquitetura. Atualmente, integra a equipa de investigação do projeto internacional e interdisciplinar *eMOTIONAL Cities – mapping the cities through the senses of those who make them* que cruza os domínios da neurociência e do espaço urbano (em particular os da saúde mental e do espaço público) no Centro de Estudos Geográficos (CEG) do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa.

EXPOSIÇÕES e COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PRIVADAS:

O seu trabalho artístico, representado em diferentes coleções particulares e públicas, tem sido apresentado publicamente em mostras coletivas e individuais, das quais se destacam: *Mais chão público, por favor! Ou uma inquietação privada - Uma instalação sobre transformação e posse* (Banco das Artes Galeria, Leiria, 2018), *Conversa de dois monólogos em campo varrido* (SNBA, Lisboa, 2020), *Pés descalços e janelas descortinadas - Um caminho no convento* (Museu de Leiria, 2021), *Desassossego e Transumância* (IGOT-UL, 2022).



ISTO NÃO CAI DO CÉU, 2022

A história que se conta é outra referência das muitas que transportam os territórios. É referência das memórias, das experiências e dos objetos que testemunham lugares e processos. A inquietação pela transformação e as travessias físicas ou interiores para a conseguir, fazem crer em desassossego e transumância.

E porque "the system only dreams in total darkness" - nome de uma canção de The National (2017) que nos diz que essa é a única certeza num tempo em que tudo está diferente e nada se consegue explicar - sorvem-nos as mudanças, a velocidade, as ilhas de calor ou a falta de chuva. A partir da carta de precipitação e da carta de dias de precipitação que dormem há anos empilhadas na escuridão da mapoteca, novos frutos procuram enquadramento no sistema atual e nesta nova e estranha forma de existir.

Técnica mista. Poliedros de papel [dobragem e colagem da Carta de Precipitação (I) e da Carta de Dias de Precipitação (II), ambas para a média anual 1931-1960, orientadas por Suzanne Daveau, Centro de Estudos Geográficos], madeira e pintura

170 x 150 cm



ELAS, A CAMINHO, 2024

Nos anos 30 do século XX corria uma campanha nacional que ditava discriminação total ao pé descalço.

A Campanha do Pé Descalço dirigia-se a todos aqueles que, nessa condição, se apresentassem na via pública das áreas urbanas. Impunha-se uma certa ideia de urbanidade. Porém, nos anos 60 do mesmo século, não era estranho ver-se gente vinda do campo, de botas ao ombro, para entrar nas cidades. Nos anos 60, enquanto se construía o pórtico das colunatas, 'modernistas' e 'internacionalistas' da Reitoria da Universidade, ainda muitas mulheres circulavam, descalças, entre o campo e a cidade. Muitas passaram o pórtico e, mesmo para essas, o caminho não acabou. No século XXI muitas mulheres continuam descalças.

Técnica mista. Tinta acrílica, recorte e fotografia sob e sobre papel preto Fabriano 160 gr./m²
300 x 150 cm

② ana lima-netto

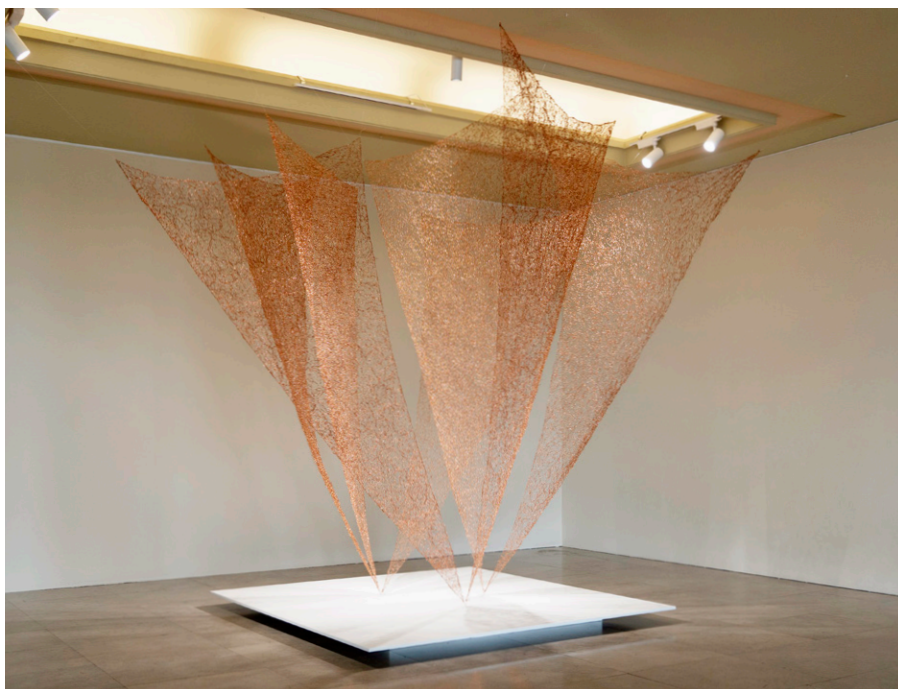
Lisboa, 1960

Licenciada em arquitetura pela ESBAL, Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1985). Embaixadora da Canson em Portugal (desde 2013). Bolsista do Instituto de Arte Contemporânea e do Instituto Camões. Leciona o Atelier Experimental, na SNBA-Sociedade Nacional de Belas Artes (desde 2015), onde é membro da direção desde 2017. Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro desde 2013. A sua obra de carga poética, questiona, pesquisa e reflete sobre o sentido da Vida e da sua Transcendência. Através da materialização de imagens que privilegiam o brilho, a leveza e a transparência, evoca conceitos do Sagrado, do Tempo e da sua Contínua Transmutação e apela aos arquétipos do inconsciente humano e à memória cosmológica do próprio Universo, convidando-nos à reflexão sobre a Essência das Coisas. Visualmente, os seus trabalhos lembram “desenhos” que se desenvolvem no espaço tridimensional através de diferentes suportes, meios e disciplinas (em particular a instalação), onde a linha, é o elemento comum definidor das redes, que tudo interligam nas suas múltiplas e diferentes dimensões.

EXPOSIÇÕES e COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PRIVADAS: Expõe regularmente e individualmente em Portugal e no estrangeiro desde 2013. Está representada em diversas coleções públicas e privadas nacionais e internacionais, designadamente: Coleção de Arte da RSA Advogados (Lisboa, Portugal); Coleção de Arte da Câmara Municipal de Loulé (Loulé, Portugal); Coleção de Arte da Mairie de Ville aux Dames (Tours, France); Coleção de Arte Howard Bilton (Estremoz, Portugal); Coleção de Arte Armando Martins (Lisboa, Portugal); Coleção de Arte Fernando Figueiredo Ribeiro (Quartel/Abrantes, Portugal); d' Arte Antonio Prates (Lisboa, Portugal); Fundação da Bienal de Cerveira (Vila Nova de Cerveira, Portugal); Canson Ibérica (Barcelona, Espanha); Museu de Macau (Macau, China).

DISTINÇÕES E PRÉMIOS:

Shortlist do Sovereign Portuguese Art Prize, Lisboa, Portugal (2023); *Coletiva de Premiados da Arte Hoje*, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Portugal (2016); *Shortlist do Passion for Freedom - London Art Festival*, Londres, Reino Unido (2015).



“CE QUI EST A DÉJÀ ÉTÉ, CE QUI SERA A DÉJÀ EXISTÉ”, 2020

A instalação pretende evocar e questionar a imortalidade da alma através da representação simbólica do fogo, que na filosofia da Grécia Antiga, estava associada, entre outras ideias, à imortalidade da alma. A obra é composta por seis peças triangulares realizadas em fio de aço cobreado que criam um tecido transparente e brilhante, e um soco de madeira de base quadrangular pintado de branco. Os elementos metálicos foram suspensos a diferentes alturas do teto, criando paralelos com a imagem das chamas em movimento, sugerindo através da cor, a luz e o calor que o fogo emana. Na instalação, todas as formas são simbologias da antiguidade; os triângulos representam o fogo, a semente espiritual do Logos regedor da Natureza, e o espírito; a estrutura da base quadrada onde se encontram presas as seis pontas dos triângulos representa a matéria e a forma espiralada da disposição dos elementos triangulares, simboliza o processo do Eterno Retorno.

Tecido em fio de aço cobreado, clips e fio de nylon
6 peças, cada c/ 250 x 130 x 5 cm

③ virginia fróis

Fonte da Bica, 1954

Doutorada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (1996) e Professora Associada da mesma escola entre 1989 e 2023, onde desenvolveu a sua atividade como investigadora e como docente, lecionando unidades curriculares de cerâmica e escultura. No âmbito da sua investigação, coordenou o Projeto de Investigação Escultura Cerâmica, onde se destacam os trabalhos de recuperação de esculturas barrocas em terracota da coleção do Mosteiro de Alcobaça. Desenvolveu projetos para a Companhia Nacional de Refratários da Abrigada e para a Fábrica Bordalo Pinheiro nas Caldas da Rainha. Em 1996, fundou a Associação Cultural de Arte e Comunicação Oficinas do Convento (Montemor-o-Novo), onde tem dirigido programas de divulgação da produção artística contemporânea, entre os quais se destaca a direção dos três Simpósios Internacionais de Escultura em Terracota (1996, 1998 e 2001). Em 2009, fundou o Centro de Artes e Ofícios Trás di munti de Cabo Verde. Entre 2010 e 2011, foi investigadora visitante na Universidade Estadual de São Paulo.

Atualmente, desenvolve também investigação sobre as argilas e a olaria da ilha de Santa Maria nos Açores onde programa Residências de investigadores (Ciência e Arte).

EXPOSIÇÕES E PROJETOS ARTÍSTICOS:

Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro, sendo de destacar as seguintes exposições individuais: *Terrenos e Moradas* (Galeria Municipal de Montemor-o-Novo, 1991 e 1998); *Espelhos* (Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea em Almada, 2000), *Nomes* (comemoração do centenário da morte de Rafael Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha, 2005). Participou também em diversas exposições coletivas, entre as quais: *A Shirek, from an Invisible Box* (Meguro Museum of Art, Tokio, 2001); *(E)vocações* (Mosteiro de Alcobaça, 2003); *Escultura Cerâmica Ibérica Contemporânea* (Galiza, 2007) *Laboratório Way out Instalação sem nome* (Hospital Júlio de Matos, Lisboa, 2009); *Cerâmica Hoje 5 Autores Portugueses* (Museu Amadeu de Sousa Cardoso e em Saragoça no CERCO, 2011); *Ressonâncias* (Convento dos Capuchos, Almada, 2012); *Residência Ibérica* (Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, 2015); *Hablando de lo mismo, Cerâmica contemporânea portuguesa y española* (Museo Nacional de Artes Decorativas, Madrid, 2017); *Forno à Inglesa no Pomarinho dos Monges* (Montemor-o-Novo, 2020/21); *MATER* Pavilhão Branco Galerias Municipais, (Lisboa, 2023). Participou na *Bienal de Cerâmica Artística de Aveiro* (2019) como artista convidada.



UM ANEL, UM ABRIGO E UM PIÃO, 2023-24

Dois, disco e anel sobre o chão.

O disco paira sobre o chão polvilhado com o pó branco do caulino, flutuação.
Sobre o branco assenta o abrigo de um corpo que dorme.

O anel que assenta no chão é polvilhado com o negro de fumo, abismo.
Sobre o centro negro paira o pêndulo, nos extremos do fio azul a esfera de vidro
e o tronco físga, apóiam-se em equilíbrio sobre a roldana.

Um pião rodopia.

No interior do cone está o almagre líquido, a terra fértil vermelha, sangue.

Horizontal e vertical.

Anel de latão, pó negro de fumo, pêndulo fio de seda azul e uma esfera de vidro, roldana
e pau de oliveira
Diâmetro 200 cm



Pião
2023

Cerâmica/terracota e almagre
Diâmetro 50 cm



Abrigo
2023

Crisálida cestaria em silva e arame de atar, sobre disco madeira e cera azul polvilhado com caulino
Diâmetro 164 cm

④ isabel sabino

Lisboa, 1955

Licenciada em Artes Plásticas-Pintura pela ESBAL (1978); Doutorada pela FBAUL (1992) e Agregada pela Universidade de Lisboa (1999). Professora de Educação Visual no ensino básico e secundário (1976-82) e Professora de Belas Artes da ESBAL/FBAUL, desde 1982, escola da qual se aposentou como Professora Catedrática (2023). No seu curriculum académico constam numerosas publicações em livros, capítulos de livros, revistas científicas e catálogos, sobre arte, artistas e exposições.

Membro do CIEBA - Centro de Estudos e Investigação em Belas Artes (FBAUL), da Academia Nacional de Belas Artes, da Sociedade Nacional de Belas Artes e da Cooperativa Diferença.

EXPOSIÇÕES:

Tem uma carreira artística regular desde finais dos anos setenta. No seu curriculum, constam cerca de uma centena de exposições individuais e coletivas, realizadas em Portugal e no estrangeiro (Alemanha, Brasil, Espanha Polónia, China (Pequim e Macau). De entre as exposições individuais realizadas nos últimos dez anos destacam-se: *Quid* (2024, Centro Cultural de Cascais); *Obrigada pela sua visita* (2022, Galeria Arte Periférica, Lisboa); *SobreTela* (2021, Galeria Diferença, Lisboa); *Lido com ela* (2019, Galeria Municipal Artur Bual, Amadora); *Ela* (2019, SNBA, Lisboa); *Four seasons, please!* (2019, Galeria Arte Periférica, Lisboa); *A menina (não) fica em casa* (2016, Museu Militar, Lisboa); *Na volta da maré* (2016, Galeria Municipal do Montijo); *E os rios nascem no mar* (2015, Lugar do Desenho/Fundação Júlio Resende).

DISTINÇÕES E PRÉMIOS:

Prémio de Aquisição na Exposição Comemorativa dos 150 Anos do Montepio Geral 1990; Prémio de Revelação de Artes Plásticas, Antena 1, Rádio Difusão Portuguesa 1990; Menção Honrosa, Prémio João Hogan 1990.

COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PRIVADAS: Academia Nacional de Belas Artes; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Beja; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Matosinhos; Câmara Municipal de Montemor-o-Novo; Casa Museu Teixeira Lopes; EPAL Empresa Pública das Águas Livres; Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa; Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; Nova Medical School, Universidade Nova de Lisboa; Hospital Distrital do Barreiro; Montepio Geral; Museu do Calçado, São João da Madeira; Museu de Desenho de Estremoz; Museu do Santuário de Fátima. Coleção Marin. Gaspar, Coleção Delgado Martins, e inúmeras outras coleções privadas.



GIULIANA: IO NON RIESCO A GUARDARE A LUNGO IL MARE, 2018

A pintura *Giuliana: io non riesco a guardare a lungo il mare* faz parte de uma série de trabalhos de grandes dimensões, intitulada *She*, de 2018-2019. Em todos, é uma voz de uma personagem feminina, proveniente de diversos filmes, que dá título à obra, interagindo no espaço da paisagem com uma iconografia que funde imagens do filme e do mundo de hoje.

Nesta pintura, entramos parcialmente na pele de Giuliana, a protagonista de *Il deserto rosso*, de Michelangelo Antonioni. Embora ela não seja visível, é como se ouvíssemos a sua voz questionando a possibilidade de contemplação de uma paisagem onde a devastação da paisagem natural pela industrialização se confunde com o seu próprio estado pessoal.

Acrílicas s/ tela
196 x 310 cm



A MENINA (NÃO) FICA EM CASA, 2016

A série de pequenas pinturas de *A menina (não) fica em casa*, foi criada para o Museu Militar de Lisboa no centenário da entrada de Portugal na 1ª Grande Guerra, em 2016. Num museu muito saturado de obras, mas com escassas presenças de representações femininas, foram instalados três núcleos de peças, unidos pela cor vermelha: retratos em telas de pequeno formato de mulheres portuguesas importantes na emancipação feminina, ou seja, "mulheres d'armas"; pinturas com cenas de trabalho feminino durante a 1ª GG, inclusive a construir trincheiras "levantadas"; e uma instalação sugestiva de uma trincheira desse tipo, memorial de situações de violência de género (violações de guerra, "comfort" women, mutilação genital e casamento infantil).

Técnica mista de acrílicas s/ tela
Dimensões variáveis

⑤ marta soares

Lisboa, 1973

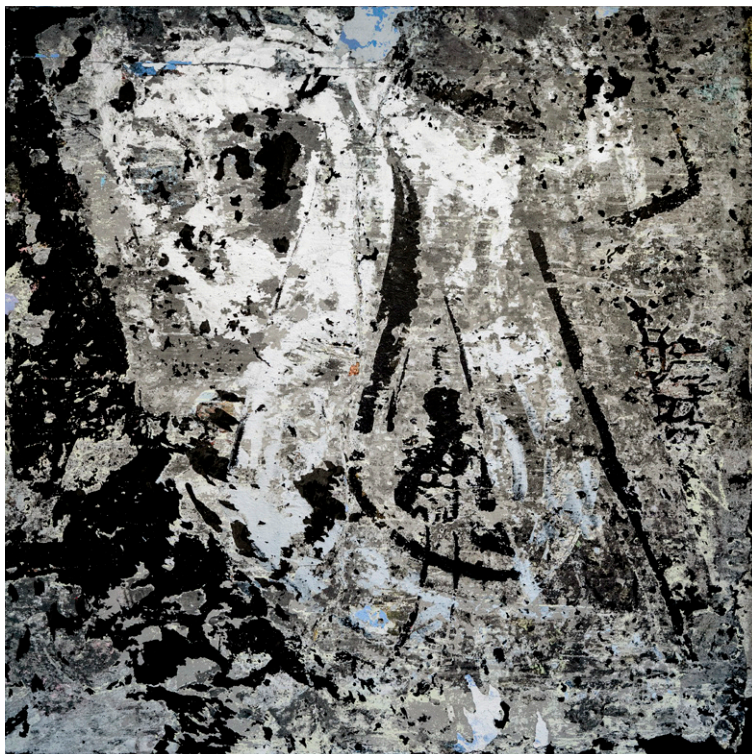
Estudou Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Entre 1988 e 1993, frequentou o Atelier Livre de Artes Plásticas, sob a orientação do artista plástico Pedro Morais.

A abstracção é, desde sempre, o território de trabalho eleito por Marta Soares. As suas obras revelam um carácter fortemente processual, onde várias superfícies em fresco colaboram para obtenção de um resultado final pictórico, autónomo. O seu trabalho mais recente torna visível uma relação fundamental entre as imagens que cria e os espaços que vai encontrando no seu percurso que, sendo portadores de memórias particulares ou coletivas, se revelam como potencial plástico e criativo.

EXPOSIÇÕES E PRINCIPAIS COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PRIVADAS: Fez a sua primeira exposição individual, em 1993, no Boqueirão da Praia da Galé (ou Galeria Monumental II), onde expôs um diário de pintura intitulado *Diário de agosto 1992 - 116 páginas para Jean Fautrier*. Em 1995, expôs, no mesmo espaço, uma pintura de grandes dimensões dedicada a Ad Reinhardt. Desde 1997, a sua obra tem sido apresentada regularmente, nomeadamente no Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, em Badajoz; no Museu de Arte Contemporânea de Elvas; no MAAT, em Lisboa, ou na Galeria Francisco Fino, entre outros museus e galerias. Entre as suas recentes exposições individuais contam-se: *HOMEBOUND*, Galeria Francisco Fino (2020); *A metade do céu*, Museu Arpad Szenes - Vieira da Silva (2019); *Pinturas Arrancadas à Noite*, Galeria Francisco Fino (2018); *A Guerra como Modo de Ver*, Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2018); *Vermelha*, Centro Cultural de Cascais (2017); *10 000 Anos Depois Entre Vénus e Marte*, Galeria Municipal do Porto (2017); *Morphogenesis*, Galeria Francisco Fino (2017); *Matriz, Modo de Fazer*, Faculdade de Belas Artes de Lisboa (2016); *Diário de agosto*, Fundação das Comunicações (2016).

O seu trabalho tem sido igualmente apresentado em diversas feiras de arte como Colónia, Turim, Bruxelas, Lisboa e Madrid.

A obra de Marta Soares está representada em diversas coleções institucionais e privadas como: Coleção de Arte Contemporânea do Estado, C.A.M - Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), M.A.C.E. - Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Fundação Carmona e Costa (Lisboa), Fundação Veranneman (Bélgica), Fundação Ilídio Pinho (Porto), Fundação Portuguesa para as Comunicações (Lisboa), Coleção P.L.M.J. (Lisboa) e Coleção Figueiredo Ribeiro (Abrantes).



PINTURAS ARRANCADAS À NOITE, 2018-2020

As duas pinturas que se apresentam nesta exposição - *Pinturas Arrancadas à Noite* - inserem-se numa série de trabalhos de grande escala iniciada em 2010. Esta série compreende, na sua génese, um carácter eminentemente performativo em que as pinturas são colocadas sobre paredes no espaço público e arrancadas às mesmas, mas não sem antes a artista pintar sobre elas e sobre as próprias telas. Apesar de toda esta sucessão de atos ocorrer em tempos diferenciados, é à noite - nesse tempo de transgressão - que o arrancar destas pinturas ocorre: compostas de fragmentos remanescentes e heterogéneos de tinta, revelam-se aqui, juntamente com alguns traços de inscrições apócrifas, jogos de presença e ausência, de visibilidade e invisibilidade, de poesia e transgressão, que tornam estas pinturas particularmente expressivas — e potencialmente metafóricas — do mote desta exposição.

Técnica mista s/ tela
225 x 225 cm



Sem título #1

(série *Pinturas Arrancadas à Noite*)

2020

Técnica mista s/ tela

187 x 132 cm

⑥ vanessa barragão

Albufeira, 1992

Artista designer e têxtil, sediada no Algarve, onde fundou o Studio Vanessa Barragão. Mestrado em Design de Moda pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (2014), ano em que também criou o seu primeiro estúdio. Fez o estágio do Mestrado na Fábrica de Tapetes Beiriz, na Póvoa de Varzim, onde percebe que a sua paixão é o têxtil, e começa a criar as suas próprias peças a partir dos desperdícios desta indústria. Entre 2018 abre atelier no Porto, dividindo o seu tempo com uma colaboração como designer têxtil na fábrica de tapetes artesanais. Em 2020, regressa ao Algarve para abrir um novo atelier. Em 2024, encontra-se a trabalhar em novas coleções, de maior escala e ainda mais ambiciosas no que toca ao têxtil e à ligação deste com as temáticas da sustentabilidade.

O seu processo criativo é profundamente artesanal e marcado pelo reaproveitamento de matérias-primas provenientes da indústria têxtil e pelo uso de técnicas ancestrais como o gancho, o tufo, o bordado, o feltro e o croché. As suas obras podem remeter o espetador uma reflexão interior sobre a sua essência, a sua verdadeira natureza e sobre a necessidade de uma maior consciencialização ambiental.

EXPOSIÇÕES E PRINCIPAIS COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PRIVADAS: O reconhecimento internacional da artista iniciou-se em 2017 com uma primeira exposição em Sidney e, desde então a sua arte alargou-se aos quatro cantos do mundo, China (Taipé e Shangai), Alemanha, França (Nantes e Clermont-Ferrand), Suíça (Lausanne), EUA (Los Angeles, Filadélfia, e Miami), Itália (Veneza), Colômbia (Bogotá), Reino Unido (Londres), Coreia do Sul (Cheongju), e Abu Dhabi. Para a Domatex Trade Fair (Hannover, Alemanha), a artista produziu uma instalação em formato 3D em que era possível entrar dentro da peça; para o Heathrow Airoport (Londres, UK), fez um mapa-mundo em feltro e croché com 12 metros quadrados e os vários ecossistemas retratados; para um evento da Adidas Studio associado ao Super Bowl '20 (Miami, EUA) realizou uma peça de lã reciclável inspirada na crescente fragilização dos recifes de corais e apelando à reflexão sobre as alterações climáticas; para um palácio da família real do Abu Dhabi concebeu uma tapeçaria com 5 metros. Também já expôs em Serralves (Porto), no Palácio de S. Bento (Lisboa), no MUSA (Sintra), Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino e no Centro Cultural de Lagos.

DISTINÇÕES E PRÉMIOS: Prémio Nacional Artesanato '21 IEFP | Prémio Empreendedorismo - Novos Talentos; Prémio Mercúrio | Young Entrepreneur 2019; Albufeira Mulher | 2019; WEF | Young Innovator for a Better World | 2018; Nós e o Mundo | 1st place|2008/9.



ESSÊNCIA, 2024

Essência, é o coração da artista, onde a sua vida, alma e ser se entrelaçam de forma única.

A paixão por criar, pela manualidade e pelo têxtil são partes integrantes da sua vida. O seu trabalho é o reflexo das suas convicções e dos seus valores. Esta é a manifestação visível daquilo que é o seu interior, imortalizada nesta peça como um testemunho de paixão e autenticidade.

Metal, lã, lyocell e juta em esmirna e croché
165 x 125 cm e 76 x 66 cm

⑦ ângela ferreira

Maputo, 1958

Licenciada em Escultura e Master of Fine Arts pela Michaelis School of Fine Arts da Universidade da Cidade do Cabo (África do Sul). Lecionou na Cidade do Cabo e em Stellenbosch, no tempo do apartheid da África do Sul. Em 2016, doutorou-se pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa onde é atualmente Professora Auxiliar.

A prática artística de Ferreira emerge de processos baseados na investigação histórica, interpela objetos e discursos do modernismo e materializa-se em instalações formalmente apuradas onde coabitam maquete, texto, desenho, escultura, fotografia, som e vídeo de modo a aprofundar o significado de cada obra. Desde cedo, o seu trabalho foi dominado por uma clara intenção política, especificamente pelo impacto do colonialismo e pós-colonialismo na sociedade contemporânea. As suas homenagens escultóricas, sonoras e videográficas têm continuamente referenciado a história económica, política e cultural do continente africano, recorrendo frequentemente a estruturas e elementos arquitetónicos que conferem ao seu trabalho uma ambiguidade de relações formais e espaciais. A sua obra situa-se no cruzamento entre a ideologia do construtivismo russo (na relação entre as formas abstratas geométricas e a dimensão política) e a exploração de momentos marcantes da sua própria vivência pessoal, social e geográfica.

Dos seus trabalhos recentes destacam-se: *Campo Experimental* (2024); *Rádio Voz da Liberdade* (2022); *Mais pesado que o céu* (2021); *#BucketSystemMustFall* (2021); *A Spontaneous Tour of Some Monuments of African Architecture* (2021); *Talk Tower for Forough Farrokhzad* (2020); *Angela* (2020); *Power Structures (Crouch-touch-pause-engage)* (2020); *Dalaba: sol/Exil* (2019); *Pan African Unity Mural* (2018); *Remining* (2017); *Talk Tower for Diego Rivera* (2017); *Boca* (2016); *Wattle and Daub* (2016); *Hollows Tunnels, Cavities and more...* (2016); *A Tendency to Forget* (2015); *Messy Colonialism, Wild Decolonization* (2015).

EXPOSIÇÕES E COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PRIVADAS:

Expôs individualmente pela primeira vez em 1990 e, desde então, tem participado em inúmeras exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro, destacando-se que, em 2007, foi a representante portuguesa na 52ª Bienal de Veneza com a obra *Maison Tropicale*. Esteve também presente em inúmeras bienais. Por exemplo, nas Bienais de Istambul (1999 e 2019), São Paulo (2008), Bucareste (2010), Lubumbashi (2013), Taipei (2016), Kaunas Bienal (2023) e Diriyah (2024).

Tem também criado várias obras de arte pública.

DISTINÇÕES E PRÉMIOS: Em 1995, foi galardoada com o Prémio de Escultura na Bienal das Caldas da Rainha. Em 2015, recebeu o Prémio Novo Banco Photo. Está representada em diversas coleções públicas e privadas em todo o mundo.



RADIO FANON, 2022

Criada em 2022, a instalação Radio Fanon tem uma forma escultórica que imita um rádio transmissor de ondas curtas com um ecrã de televisão. A obra exhibe o filme *Patrouille à l'Est*, de Amar Laskri, de 1971.

O enredo segue uma patrulha do Exército de Libertação Nacional da Argélia que escolta um prisioneiro francês até à fronteira tunisina. Em cenas de carácter documental, o filme ilustra, entre outras coisas, a vontade da população de ajudar os combatentes da liberdade, apesar das estratégias de ocupação brutais por parte dos governantes coloniais. O título *Radio Fanon* ilustra, assim, a importância das estações de rádio nas lutas pela independência, mas também evoca discursos descoloniais. Mais concretamente, alude a Frantz Fanon, psicólogo franco-martiniquense comumente citado como um dos mestres da descolonização. Publicações como *Os Miseráveis da Terra e Pele Negra*, *Máscaras Brancas* utilizaram os vocabulários da psicologia profunda para lidar com os efeitos do colonialismo, tanto nos povos colonizados, como nos seus colonizadores. As obras de Fanon foram publicadas em francês, mas amplamente traduzidas, e tornar-se-iam indispensáveis nos cânones pós e descoloniais.

MDF, PVC, Plexiglas, TV Monitor Film: *Patrouille à l'Est* d'Amar Laskri, 1971.

70 x 190 x 120 cm

Film: 115 min, sound

Cortesia da artista e de Cristina Guerra Contemporary Art

⑧ ana margarida matos

Lisboa, 1999

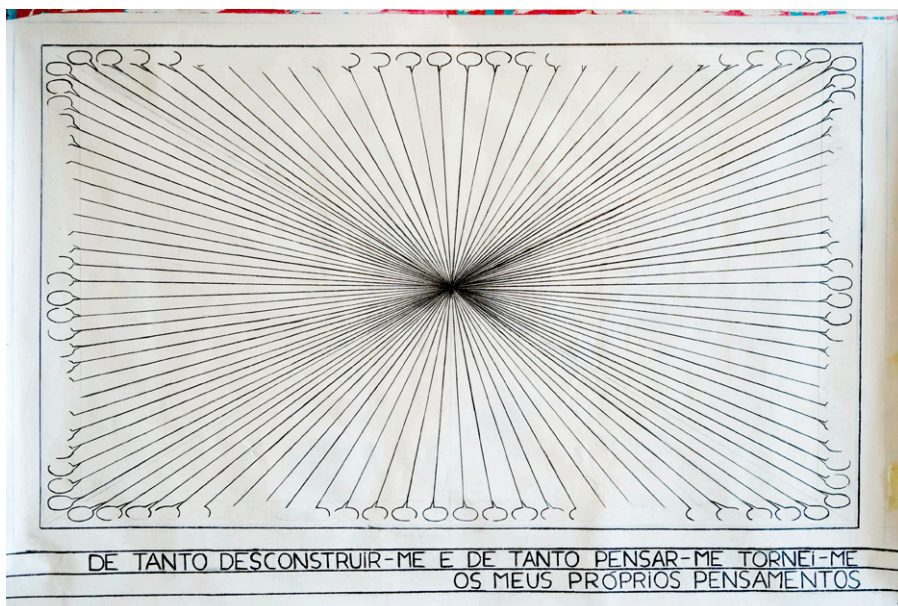
Artista e autora portuguesa, criadora de narrativas visuais, “tradutora” de tudo o que vê e o que não vê. Partindo do autorretrato e da autobiografia diarística é através do desenho e do texto, e por vezes da junção dos dois, que encontra a sua linguagem e as suas composições. Estudou Design Gráfico na Escola Artística António Arroio e licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Atualmente vive em Almada.

EXPOSIÇÕES E PROJETOS EDITORIAIS:

Desde 2019 publica independentemente os seus próprios ensaios visuais. Em 2021, viu o seu primeiro livro “Hoje Não” ser premiado e publicado em Portugal pela Associação Chili Com Carne. Para além de Portugal, já viu o seu trabalho publicado em várias antologias noutros países, como na Letónia pela editora Kús, na Eslovénia pela editora Stripburger, em Espanha inserido na publicação Mu.Le e mais recentemente nos Estados Unidos da América pela editora FieldMousePress.

Expôs individualmente no festival AmadoraBD, no festival literário Fólio e no ComicFestival Hamburg na Alemanha.

É também a organizadora e produtora da Feira Autónoma, uma feira de publicações independentes realizada em Almada.



TORANJA, 2024

Uma realidade que se experiência sozinha pode ser um sonho, mas um sonho que 1000 pessoas experienciam juntas é uma realidade.

Há muito tempo que não existo.

Tornei-me uma figura de livro, uma palavra, uma imagem, uma vida lida.

O que eu sinto é sentido para se escrever que se sentiu.

O que penso está logo em palavras, misturado com imagens que o desconstroem, aberto em ritmos que narram o meu ser.

De tanto desconstruir-me e de tanto pensar-me, tornei-me os meus próprios pensamentos.

Existo sem que o saiba e morrerei sem que o queira.

Sou o intervalo entre o que sou e o que não sou.

E assim, em imagens sucessivas em que me descrevo, vou ficando mais nas imagens do que em mim, dizendo-me até não ser.

Acrílico e carvão s/ papel
175 x 119 cm

⑨ mariana castro

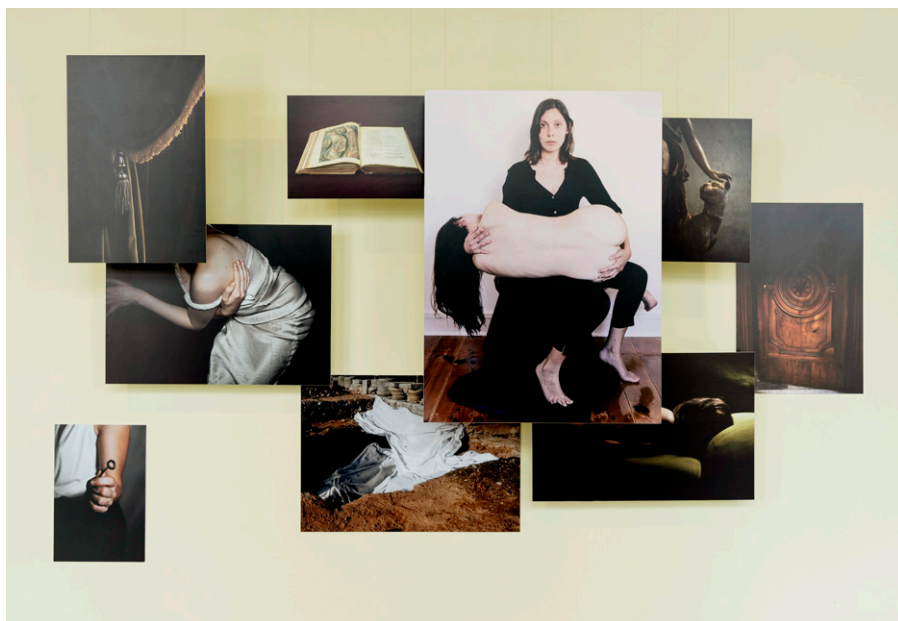
Lisboa, 1986

Realizadora e Fotógrafa. Licenciada em Cinema (ESTC, Lisboa), Mestre em Filosofia, Estética (FCSH, UNL) com orientação de Maria Filomena Molder. Iniciou investigação em Fotografia no âmbito do primeiro ano do Doutoramento em Comunicação e Arte (FCSH, UNL), onde lecionou em cursos livres de Fotografia e Cinema, sob orientação de Margarida Medeiros. Atualmente integra a equipa do Núcleo de Comunicação do Departamento de Relações Externas e Internacionais da ULisboa.

PRODUÇÃO COMO REALIZADORA: Ganhou prémios com o documentário *Imemória* (2009) e com *Encontro* (filme composto por fotografias, 2011) que percorreu festivais de cinema nacionais e internacionais entre Lisboa, Hannover, Nova Iorque e Viena, escolhido para a Conferência Int. de Fotografia & Cinema “50 anos da La Jetée de Chris Marker”. Foi convidada para filmar na FDU (Belgrado, Sérvia, 2008) e no Festival Up-and-Coming (Hannover, Alemanha, 2011). Realizou e expôs vídeo (co-realizado com Sílvio Santana) no contexto da exposição “Narrativa de uma Coleção” do MNAC (2015).

PRODUÇÃO COMO FOTÓGRAFA: Desenvolve o seu trabalho fotográfico desde 2003 em diversos formatos, entre filme e digital, e expõe desde 2010, com trabalhos publicados em revistas internacionais e em galerias *online* como FOAM Amsterdam. Expôs *EXT INT* (2017) e a sua série *Interiors* (2014) no festival “New Art Fest’17” (MUHNAC, Lisboa, 2017) que teve anteriormente uma das suas fotografias distinguida com o 1.º Prémio NOVA Fotografia 2014 (UNL, Portugal). Tendo acompanhado festivais de cinema onde regista retratos de muitas presenças, retratou também as Cabines de Projecção de Cinema em Lisboa no trabalho documental “Retratos de Projecção” (2015–2017) com textos de Tiago Batista, publicado *online* no *website* www.apaladewalsh.com. Publicou fotografia em capa do livro “A Torção dos Sentidos: Pandemia e Remediação Digital” de João Pedro Cachopo, lançado pela Documenta, Lisboa 2020.

O seu mais recente trabalho, *Ne Touche Pas*, esteve patente na Casa da Cultura, em Setúbal, de junho a setembro de 2023, integrando depois, parcialmente e com novas obras, a exposição “In Her Hands”, em Ostend (Bélgica), de dezembro 2023 até fevereiro de 2024.



NE TOUCHE PAS, 2023

Se a roseira fosse uma pergunta, daria o mote a este livro-exposição. A pergunta é antiga. Brotou na imaginação da fotógrafa desde a infância. Que força é essa que a fragilidade não anula?

As mulheres que povoam estas imagens são personagens-espelho. É nelas que a fotógrafa se reflete. Encarando o espetador, a sua imagem em forma de Pietá sugere: Ecce femina. Eis a vulnerabilidade, a delicadeza, a languidez, mas também, em contrapartida, a resistência e a ferocidade. A interdição - ne touche pas - é um convite à desobediência, pois estas fotografias desejam o toque. Não o toque em geral. Mas declinado em gestos: afagar, acariciar, esticar-se, erguer-se, aconchegar-se. No fascínio pelo gesto, manifesta-se a afinidade com a escultura. Capta-se o gesto na curva do movimento, entre luz e a sombra, furtivamente. A fotógrafa espreita como quem caça o momento, através da objetiva como do vidro ou da fechadura. O momento é efêmero, mas é-o também a pedra sujeita à fúria dos séculos, a terra sujeita à fúria dos elementos, o corpo sujeito à fúria das entranhas.

Se a pergunta é a roseira, o espinho - aquilo que fere e arrebatava - é o enigma.

por João Pedro Cachopo

10 paula rego

Lisboa, 1935 – Londres, 2022

Paula Rego é um dos nomes maiores da arte europeia do Pós-guerra. Em 1952, por sugestão do seu pai, ingressa na Slade School of Fine Art em Londres onde conhece o artista, ainda estudante, Victor Willing com quem viria a casar e ter três filhos. Pertenceu ao The London Group. A sua vida dividiu-se entre Portugal e Reino Unido, mas foi neste último país que desenvolveu a maior parte da sua atividade artística e onde também deu aulas em universidades ligadas ao mundo.

A obra de Paula Rego divide-se entre a colagem, o pastel, o desenho, a gravura e a pintura. Nos seus trabalhos privilegiou uma linguagem figurativa baseada em contos populares e obras literárias, muitas vezes também compondo cenas surreais, com seres híbridos e com sentido satírico. A mulher e as suas convicções feministas marcam forte presença na sua obra. "Nos quadros é que a gente vê qual é a história. Partimos para eles com a história que conhecemos e depois acontece sempre qualquer coisa que nos faz mudá-la. É um processo extraordinário que ainda hoje me espanta. Como é que foi possível?" (Paula Rego).

EXPOSIÇÕES E COLEÇÕES INSTITUCIONAIS E PRIVADAS:

Em 1987, assina com a galeria Marlborough Fine Art, o passo que ainda faltava para uma maior divulgação internacional.

O seu trabalho tem sido exibido em numerosas e prestigiantes galerias e museus de todo o mundo, designadamente: SNBA (Lisboa, 1965); Galeria III (Lisboa, 1978 e 2022); Fundação Serralves (Porto, 1988); Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, 1988 e 2012), Centro Cultural de Belém (Lisboa, 1997), Tate Gallery (Liverpool, 1997), Museum of Women in the Arts (Washington, 2008), Musée de l'Orangerie (Paris, 2018), Tate Britain (Londres, 2021); Pera Museum (Istanbul, 2022).

O seu trabalho está representado em inúmeras coleções públicas e privadas nacionais e internacionais, como Fundação Calouste Gulbenkian, Coleção Manuel de Brito, Coleção de Arte Contemporânea do Estado, National Gallery, Tate Gallery; Metropolitan Museum of Art, entre muitas outras. Uma parte importante da sua obra pode ser vista na Casa das Histórias (Cascais), inaugurada em 2009, com projeto do arquiteto Eduardo Souto Moura.

DISTINÇÕES E PRÉMIOS: Ao longo da sua carreira recebeu numerosas distinções e prémios. Em 1989, foi selecionada para o prémio Turner e, em 1990, tornou-se a primeira artista associada da National Gallery. Foi condecorada com a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada pelo Presidente da República (2005) e nomeada Dame Commander of the Order of the British Empire pela Rainha do Reino Unido (2010). Foi distinguida por diversas universidades com o título Doutora Honoris Caus, entre as quais: Lisboa, St. Andrews, East Anglia, Rhode Island School of Design, The London Institute, Oxford, Roehampton e Cambridge.



GETTING READY FOR THE BALL, 2001-2002

No final de 2001 e início de 2002, Rego trabalhou com Stanley Jones no Curwen Studio e produziu uma série de 25 litografias baseadas na obra *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. "Estas litografias foram feitas em conjunto, desenhadas em papel de transferência. Fi-las como um todo, mas depois foram impressas separadamente porque eram demasiado grandes para serem impressas em conjunto. Utilizei cerca de vinte cores diferentes, ou seja, houve vinte impressões separadas, vinte placas separadas." T.G. Rosenthal, Paula Rego *A Obra Gráfica Completa*, 2003.

Durante a maior parte da história de Brontë, Jane aparece como uma figura periférica, uma observadora e narradora, em vez de uma participante ativa, e Rego retrata-a como uma vítima passiva em *Crumpled* - na sequência do seu ataque em Gateshead depois de ter sido trancada na sala vermelha - e em *Crying*, após a sua agressão por John Reid. Mas, a determinação da sua cabeça na última vista de Jane Eyre, sugere uma fortaleza já visível em *Inspection*. Não há nada no romance de Brontë que se relacione com a imagem misteriosa, *Up the Tree*, que Rego explicou como "Jane a tentar fugir", embora os ramos em forma de cruz sejam mais sugestivos de uma crucificação. Há também um tom religioso em *Night*, que mostra Jane a fugir de Thornfield a coberto da escuridão, a sua figura envolta em silhueta contra um céu estrelado, como a da Virgem Maria na *Imaculada Conceição* de Velázquez - escapando imaculada, com a virgindade intacta. <https://www.goldmarkart.com/blogs/discover/paula-rego-and-jane-eyre>

Litografia assinada
100 x 200 x 4 cm

Título

**ARTE NO FEMININO:
10 ANOS, 10 ARTISTAS**

Organização

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Curadoria

JOSÉ MANUEL SIMÕES

Projeto Expositivo

PEDRO BRAGA DOS REIS

Design gráfico e Fotografia

LEONOR FONSECA

Produção

MARIA JOÃO FERNANDES

Montagem

**ANDRÉ TASSO
SAMUEL FERREIRA**

Agradecimentos

**ARTE PERIFÉRICA GALERIA
CRISTINA GUERRA — CONTEMPORARY ART
GALERIA 111
GALERIA FRANCISCO FINO
SOFIA SALAZAR LEITE**